

Matos, Silvana Sobreira; Campos, Roberta Bivar Carneiro;
Germano, Pedro & Pereira, Fabiana M. Gama (2024). Terreiro
Senhor do Bonfim de Apolinário Gomes da Mota: uma
fotoetnografia da ritualística Congo em Recife. Recife: Editora
UFPE.

Hugo Wesley Oliveira Silva¹

Doutorando em Antropologia/Universidade Federal de Pernambuco

<https://orcid.org/0000-0001-5238-186X>

hugo.wesley2@gmail.com

É junto à fotografia que a história da antropologia pernambucana vai sendo contada e reencontrada no livro “Terreiro Senhor do Bonfim de Apolinário Gomes da Mota: uma fotoetnografia da ritualística Congo em Recife” (2024). O livro é a materialidade dos desdobramentos de pesquisas realizadas por Silvana Matos, Roberta Campos, Pedro Germano e Fabiana Pereira, pesquisadores membros do Observatório Culturas, Religiões e Emoções (OCRE), que se dedicaram em compreender os caminhos percorridos por pesquisadores e pensadores interessados sobre o mundo simbólico e religioso do Xangô Recifense² e seus desdobramentos até a institucionalização da antropologia pernambucana. Se me for permitido iniciar a presente resenha com perguntas, gostaria de questionar quais outras histórias poderíamos contar se olharmos para a antropologia brasileira tal qual esses autores olharam para as fotografias de Valente? Como poderíamos contar a antropologia pelos olhos do antropólogo e seus interlocutores? A essas perguntas

1 Bolsista FACEPE.

2 Definido por Ribeiro (1952, In. Hutzler, 2014) como uma das principais formas religiosas afro-brasileiras em solo pernambucano, “xangô” pode ser compreendida como uma das muitas expressões religiosas de povos escravizados vindo de África que se institucionaliza no estado. Fortemente influenciado pelo povo Daomé e pelas tradições ameríndias do nordeste brasileiro, o xangô pernambucano difere-se do candomblé baiano tanto por suas características ritualísticas como pela presença dos encantados ameríndios.

talvez jamais tenhamos respostas, mas, o livro aqui resenhado nos ajuda a pensar no que pode ser feito daqui por diante.

É junto ao trabalho fotoetnográfico realizado por Waldemar Valente (1908-1992) que os pesquisadores da presente obra aqui resenhada buscam compreender como se deu, em práticas, os processos históricos que levaram à institucionalização da antropologia pernambucana. Valente foi um médico e antropólogo recifense que dedicou grande parte de sua carreira aos estudos do xangô pernambucano, bem como sua cultura e sua relação com as periferias da cidade do Recife; Valente foi durante décadas o diretor do Departamento de Antropologia da Fundação Joaquim Nabuco, deixando importante registros sobre as tradições afro-religiosas em solo brasileiro, sendo sua obra mais conhecida o livro “Sincretismo Religioso Afro-Brasileiro” (1955). Nessa empreitada, as fotografias de Valente são abordadas não apenas enquanto historicidades produzidas junto ao terreiro de pai Apolinário Gomes da Mota (1888-1973) - importante babalorixá da cidade do Recife, e um dos principais interlocutores para os acadêmicos da Universidade Federal de Pernambuco à época -, como também dispositivos para pensar a historiografia da antropologia pernambucana. O Terreiro Senhor do Bonfim, tornou-se reconhecido junto à comunidade afro-religiosa pernambucana entre os anos de 1930 a 1970, e sua fama deve-se majoritariamente às intrincadas relações que Apolinário estabeleceu com o poder público municipal e a academia.

Em seus movimentos Apolinário viajou por estados do nordeste. Saindo de Olinda-PE, o então marinheiro foi para Salvador- BA e por lá aprendeu com os candomblés baianos, uma vez iniciado foi para Maceió-CE aprender junto às macumbas de lá questões próprias das ontologias afro-ameríndias, mas foi em Recife-PE que decidiu estabelecer morada, criando inicialmente o terreiro Seita Africana Cosme e Damião, e mais tarde abrindo um novo terreiro chamado Senhor do Bonfim, sendo este o primeiro terreiro de nação Congo do município. As nações, dizem respeito a uma série de recriações feitas por povos vindos de África a fim de reconhecer suas tradições míticas (memorialistas), elas não dizem respeito necessariamente a um único agrupamento familiar dado por consanguinidades ou territorialidades (Ribeiro, 1952, In. Hutzler, 2014). Foi com a defesa de sua religião que Apolinário passou a engajar-se politicamente com a militância afro-religiosa. Dessa luta ele ganhou notoriedade e tornou-se, junto a seu terreiro, objeto privilegiado de estudo acadêmico, e essa fama imortalizou seu nome na história da antropologia e das religiões pernambucanas, como também fez dele alvo de perseguição policial e política.

Dentre os nomes que se destacam como interlocutores tanto do terreiro do Senhor do Bonfim, quanto da academia, Waldemar Valente destaca-se enquanto um dos

pesquisadores que com afincos abordaram o universo afro-pernambucano. A pesquisa expressa na obra aqui resenhada se debruça sobre o trabalho de Valente com o terreiro de Apolinário, seus artigos científicos, seus feitos, histórias e em especial as fotoetnografias de seu álbum, intitulado “Xangô Senhor do Bonfim, Apolinário e Maria José (Lia)” de 1950. Fotos feitas por Gregório de Alencar Junior³. Essas fotografias foram obtidas em primeira mão por Silvana Matos quando estava, à época, produzindo o livro “A nova escola de antropologia do Recife: Ideias, personagens e instituições” (Campos, Pereira & Matos, 2017). Na ocasião, Matos entrevistou Marilene Torquato, viúva do antropólogo Waldemar Valente, e responsável por seu acervo fotográfico.

Valente é uma figura importante para que possamos conhecer o terreiro de Apolinário e o rito Congo em Recife. E foi gozando do privilégio da boa companhia e das boas relações com o terreiro que o pesquisador pode documentar ritos outrora privados, que não poderiam ser expostos ao público.

No que diz respeito à história da antropologia pernambucana, Germano (In. Campos, Pereira & Mato 2017) nos lembra, mobilizando o conceito de Santa Aliança (desenhado por Roberto Motta), que há uma “Santa Aliança” entre a academia e seus interlocutores. Uma troca de “dádivas”, se usarmos o termo de Mauss (2003), em que a comunidade estudada “recebe” legitimação intelectual ofertada pela comunidade acadêmica em troca de sua participação nas pesquisas. Isto é, enquanto a academia se beneficia de sua sabedoria como objeto de estudo, os povos estudados veem na produção acadêmica uma possibilidade de reconhecimento intelectual de suas vivências. Este entrelaçamento entre as religiões afro-brasileiras e a academia pode ser observado por quase todo o país, sendo percebida nas obras de Edson Carneiro, R. Bastide e tantos outros.

A aliança entre acadêmicos e os xangôs pernambucanos “resultou” em uma seara única em todo o país. Junto aos médicos e pesquisadores do Serviço de Higiene Mental de Pernambuco (órgão público que desde o seu surgimento estimulou a pesquisa social com os xangôs), liderados por Ulysses Pernambucano (1892-1943) e sob a influência de Gilberto Freyre (1900-1987) ligado ao Instituto Joaquim Nabuco (hoje Fundação Joaquim Nabuco), os xangôs do Recife passaram a ser alvo de investigações e incursões acadêmicas, a fim de compreender fenômenos como a incorporação/possessão, questões próprias das ontologias afro-ameríndias presentes nos terreiros da cidade e a ocupação urbana de povos outrora escravizados. E, em troca, os terreiros ganharam notoriedade, ascenderam

3 Gregório de Alencar Júnior acompanhou Valente em suas pesquisas de campo nos xangôs recifenses durante cerca de 24 meses, sendo ele não apenas instruído pelo antropólogo a fazer as fotografias dos ritos, como um dos primeiros fotógrafos a ser inseridos em uma pesquisa de longa duração sobre os cultos afro-pernambucanos.

a símbolos de cultura e identidade tipicamente pernambucana, da proveitosa mistura das raças, tão bem analisadas por Gilberto Freyre, passaram a ocupar as ruas e as academias, tornando-se porta-vozes de questões tidas como marginais.

É durante os anos de 1950 que vemos uma dupla fratura dessa aliança entre os xangôs e os acadêmicos, fratura essa que desenhou os caminhos dos estudos dos xangôs pernambucanos e ganhou força sobretudo após a violenta repressão por parte do Estado Novo contra os terreiros de Recife. Na ocasião os terreiros e seus membros passaram a ser perseguidos pelo Estado sob a liderança do governador de Pernambuco, Agamenon Magalhães. Sob a autoridade do Estado terreiros foram fechados e lideranças afro-religiosas foram presas, dentre aqueles que foram presos estava o próprio Apolinário.

Apesar de nutrir relações de proximidade com Magalhães, Apolinário foi preso e seu terreiro foi violado pela Polícia que levou grande parte das materialidades sagradas de seu terreiro. A ação de Magalhães no entanto gerou uma série de provocações que partiam tanto dos povos de terreiro como dos movimentos acadêmicos da época, buscando não apenas defender o xangô como um campo de estudo e cultura de forte potencialidade analítica, como também se propunha a desmistificar os ritos afro-ameríndios aproximando-os de uma urbanidade pernambucana que em nada deveria ser temida. Na mesma época da prisão de Apolinário, a Missão de Pesquisa Folclórica, liderada por Mário de Andrade, chega a Recife e encontra em Apolinário um importante interlocutor para a tradução de mitos, ritos e performances religiosas. Essa ponte entre Apolinário e Andrade deve-se, sobretudo, a Valente e aos pesquisadores dos xangôs. Parte do material apreendido pela polícia a mando de Magalhães foi levado pela equipe de Missão de Pesquisa Folclórica, que conseguiu uma autorização legal para tal feito. E, ao mesmo tempo em que esse movimento de aproximação trouxe para os xangôs reconhecimento social trouxe para outras manifestações religiosas interioranas certas invisibilidades.

Aqui é preciso que se faça uma observação a respeito dessa aliança. Apesar de pioneira e vital para a consolidação da antropologia e do imaginário público para com as religiões afro-religiões pernambucanas, esses autores ficaram por demasiado presos às formas religiosas encontradas em Recife, esquecendo-se de olhar para outras áreas do próprio estado, havendo pouco ou nenhum material acadêmico produzido sobre as formas religiosas afro-ameríndias nas cidades do interior do estado (Silva, 2022). Os registros e documentações sobre o interior do estado limitam-se a narrativas textuais, havendo poucas materialidades visuais desses cultos e formas de sagrados.

E aqui se desdobra um dos brilhantismos da pesquisa e da obra de Valente: o pesquisador realizou uma importantíssima pesquisa de campo valendo-se de fotografias

captadas durante os cultos públicos e privados, incluindo o terreiro de Apolinário. E é a partir desses registros, bem como do material produzido por Valente e Andrade, que se faz possível recriar uma historicidade difusa e quase esquecida do Terreiro do Senhor do Bonfim. Os autores da obra aqui resenhada me lembram que após a morte de Apolinário o terreiro perdeu relevância e não volta a aparecer no cenário religioso de Pernambuco, a presença da memória de Apolinário vai paulatinamente desaparecendo e sendo substituída por outros nomes de igual importância. Assim, a obra de Valente não apenas imortalizou o terreiro, como criou representações visuais dos ritos de um segmento religioso, como é a nação Congo, hoje pouco difundida.

Existe essa que talvez seja a questão central para os autores da obra resenhada: a antropologia pernambucana não nasce do isolamento dos acadêmicos. Ela se institucionaliza junto ao contato com o campo, nascendo e se apropriando de questões pertinentes a uma vida urbana, aprendendo com questões de povos de minoria representativas. Seja na fundação do Instituto Joaquim Nabuco, abertura do Serviço de Higiene Mental ou ainda na criação dos cursos de graduação e pós graduação em Ciências sociais e antropologia, o olhar do pesquisador está diretamente ligado à vida de pessoas e ontologias reais (2017, Campos, Pereira & Matos).

Em uma empreitada de aproximação da academia com os xangôs, os primeiros antropólogos e pesquisadores da vida social recifense vem a se preocupar com uma vivência próximo a si, sem ir a campo buscando o que há de exótico e o fetichizado, mas, tonando o que é estranho a si algo familiar a comunidade. Defendo aqui que existem outras abordagens e questões que tocam o percurso de institucionalização da antropologia pernambucana, como é possível ver em “A nova escola de antropologia do Recife: Ideias, personagens e instituições” (Campos, Pereira & Matos, 2017), mas uma das questões de maior potencialidade analítica que diz respeito às práticas abordadas por esse grupo de estudiosos, e aqui o livro resenhado brilha em sua mais viçosa potência.

Posso concluir que a fotografia é, na obra aqui abordada, mais que mera ilustração ou documentação de uma observação síncrona, ela é uma fonte de diálogo e uma ferramenta para recontar a história da antropologia. Ela é o modo de ver e conceber os desdobramentos desse momento ímpar da história da academia pernambucana. O acervo de valente nos ajuda a pensar com a institucionalização da antropologia, como esses eventos se tornaram práticas, como a abertura dos terreiros para o grande público e para a academia trouxe outras possibilidades de fazer pesquisa. Assim, a leitura da presente obra me obriga a pensar uma antropologia engajada com a vida urbana do Recife, em como terreiros e academias se unem criando uma história relacional entre si. E em sua

abordagem metodológica podemos pensar que a fotografia não é meramente um recurso imagético para o texto, ela é um dispositivo para repensar relações, para marcar mundos possíveis e narrar realidades complexas que o texto por si só não daria conta. Ela é capaz de criar e recriar interpretações únicas.

Referências

Campos, Roberta B. Carneiro; Pereira, Fabiana M. Gama & Matos, Silvana Sobreira de (2017). *A nova escola de antropologia do Recife: ideais, personagens e instituições*. Recife: Editora UFPE.

Matos, Silvana Sobreira; Campos, Roberta Bivar Carneiro; Germano, Pedro & Pereira, Fabiana M. Gama (2024). *Terreiro Senhor do Bonfim de Apolinário Gomes da Mota: uma fotoetnografia da ritualística Congo em Recife*. Recife: Editora UFPE.

Mauss, Marcel (2003). Ensaio Sobre a Dádiva — Forma e razão da troca nas sociedades arcaicas. In M. Mauss, *Sociologia e antropologia*. São Paulo: Cosac Naify.

Ribeiro, René (2014). Cultos afro-brasileiros do Recife: um estudo de ajustamento social. Boletim do Instituto Joaquim Nabuco. Número Especial. 1952. In. C. R. Hurler (org.), *René Ribeiro e a antropologia dos cultos afro-brasileiros*. Recife: Editora UFPE

Silva, Hugo W. Oliveira (2022), *Os santos e o público: etnografia visual da roda de preto velho de caruaru, Pernambuco*. Trabalho de conclusão de curso em Ciências Sociais, Universidade Federal de Pernambuco, Recife.

Recebido em 25 de novembro de 2024.

Aceito em 24 de fevereiro de 2025.